

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO E O USO DE RECURSOS DIDÁTICOS POR PROFESSORAS ALFABETIZADORAS NO RECIFE (PE)

Maria Ramos Viégas*
Andrea Tereza Brito Ferreira**

RESUMO: Professores alfabetizadores precisam pensar meios e estratégias para a Organização do Trabalho Pedagógico (OTP) tendo em vista a aprendizagem da leitura e escrita, a partir da reflexão sobre as propriedades/princípios do Sistema de Escrita Alfabética (SEA), como também com base nas práticas sociais de leitura e escrita de seus alunos. Ou seja, adequar os recursos didáticos às práticas de ensino que se articulem com as vivências dos aprendizes fora da escola. Assim, este trabalho, que se integra a uma pesquisa maior, objetivou analisar as práticas docentes no cotidiano escolar, com relação à organização do trabalho pedagógico, e identificar os recursos didáticos utilizados pelas professoras em salas de aula do primeiro ano do ciclo de alfabetização. Com base na pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, realizamos trinta observações em três escolas da rede municipal de Recife – Pernambuco, nos anos de 2016 e 2017. Os resultados revelaram que lousa e cadernos ainda são os recursos mais utilizados, apesar de outros existentes na escola. O livro didático foi utilizado de diferentes formas, porém, evidenciamos que foi pouco frequente nas aulas. Jogos e recursos tecnológicos estiveram presentes na rotina de sala de aula em menor tempo e correspondiam aos recursos que mais causavam interesse e concentração nos alunos. Além disso, através de entrevistas com as docentes, percebemos que nas turmas em que os jogos físicos e eletrônicos eram utilizados, o número de alunos com avanços no conhecimento sobre a escrita era maior que na turma da docente que não fazia uso desses recursos.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização; Letramento; Recursos didáticos.

ORGANIZATION OF PEDAGOGICAL WORK AND THE USE OF DIDACTIC RESOURCES BY LITERACY TEACHERS IN RECIFE, BRAZIL

ABSTRACT: Literacy teachers have to ponder on means and strategies for the Organization of Pedagogical Work (OPW) aiming at teaching writing and reading as from discussions on the properties and principles of the Alphabetic Writing System (AWS) and based on the social practices of students' reading and writing. In other words, one has to adequate didactic resources to teaching practices that articulate with experiences of learners outside the school. Current work is a section of a larger research to analyze daily teaching practices in the school on the organization of pedagogical work and identify the didactic resources used by teachers in the classroom in the first literacy class. Based on qualitative ethnographic research, thirty investigations were undertaken in three government-run schools in Recife, Brazil, between 2016 and 2017. Results revealed that the blackboard and exercise books are the most used tools, even though other tools exist on the premise. The textbook was used in different ways even though rarely used during lessons. Games and technological resources were present in classroom routine but for short duration and corresponded to resources which most provided interest and concentration. Further, interviews with teachers showed that in classes where games and electronic games were employed, the number of students with greater knowledge in writing was greater than in classes in which the teacher did not employ these means.

KEYWORDS: Didactic resources; Literacy; Reading and writing.

* Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife (PE), Brasil. E-mail: maria.ramosv2104@gmail.com

** Pós-doutorado Sênior em Educação pela Universidade de Minas Gerais (UFMG). Professora associada da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife (PE), Brasil.

INTRODUÇÃO

A Organização do Trabalho Pedagógico (OTP) está intimamente relacionada aos meios e estratégias que o professor utiliza para favorecer a aprendizagem de seus alunos. Em se tratando do professor alfabetizador, sua OTP é especialmente voltada para que seus alunos aprendam a ler e a escrever, a partir da reflexão sobre as propriedades/princípios do Sistema de Escrita Alfabética. Segundo Ferreira (2012, p. 6), “Além do planejamento anual e mensal, é importante também o professor construir uma rotina que venha a favorecer e contemplar os diversos componentes curriculares, nas séries iniciais”.

A didatização é imprescindível na educação escolar, especialmente em se tratando de aprendizagem da língua. Contudo, “as brincadeiras, dentro da sala de aula, devem ser levadas com propósitos claros e o professor tem papel fundamental, nesse contexto, para direcionar as atividades e tentar extrair as aprendizagens esperadas” (LIMA; SOUSA, 2017, p. 475). Portanto, é importante que as mesmas sejam feitas de forma adequada. Do mesmo modo, entendemos que a apropriação dos meios/recursos didáticos, na OTP do docente, pode e deve ser feita de forma prazerosa, para que os alunos possam “aprender brincando”.

Para compreendermos com clareza a importância desses recursos, devemos ratificar os estudos realizados, em especial as valiosas contribuições de Soares (1998; 2004), que afirmam que alfabetização e letramento são processos indissociáveis, sendo necessária a perspectiva do alfabetizar letrando. Tal perspectiva; leva em conta o trabalho sistemático com a alfabetização a partir das práticas sociais de leitura e escrita, sem que se faça uso, unicamente, dos métodos tradicionais de alfabetização (sintéticos, analíticos ou analítico-sintéticos).

Aliado a esse entendimento estão as evidências apontadas na teoria da Psicogênese da Língua Escrita (FERREIRO; TEBEROSKY, 1995) que diz que as crianças não são tábulas rasas quando iniciam a vida escolar e elas constroem ideias ou hipóteses sobre a escrita muito antes de entrar na escola. Segundo Silva e Morais

(2011, p. 16), “essas ideias ou hipóteses seguem uma ordem de evolução que parte de uma etapa em que a criança não compreende que a escrita representa os segmentos sonoros das palavras, associando— a aos significados ou às propriedades dos objetos a que se referem [...]”. Ou seja, neste processo evolutivo, a primeira hipótese que a criança constrói é a pré-silábica e, a partir das próximas hipóteses (silábica, silábica—alfabética e alfabética), a criança consegue entender que o que se escreve é a pauta sonora do que se fala.

Através do planejamento didático, professoras e professores podem ajudar seus aprendizes a compreender as diversas propriedades do Sistema de Escrita Alfabética, facilitando que eles aprendam a ler e escrever com autonomia. Portanto, é dentro deste planejamento que encontramos a importância de “diversificar as atividades, escolhendo propostas que exijam diferentes demandas cognitivas e que mobilizem diferentes conhecimentos acerca desse sistema” (LEAL, 2004, p. 90 *apud* SILVA; MORAIS, 2011).

Um valioso recurso na OTP de um docente alfabetizador são os jogos didáticos. Contudo, corroboramos que:

Esses jogos, no entanto, valem se articulados à ação docente planejada, intencional, na qual o(a) professor(a) escolhe o recurso que melhor se aplica ao conteúdo a ser aprendido e organiza as estratégias didáticas e as formas de mediação que, efetivamente, vão poder ajudar os(as) alunos(as) a compreenderem os princípios da notação da língua. É isso que faz com que os jogos se constituam como um recurso didático e não apenas um material lúdico, motivador (ARAÚJO, 2020, p. 6).

Os jogos, sejam físicos ou eletrônicos, destacam—se na didática escolar pois permitem que as crianças experimentem o aprendizado da língua de forma lúdica e prazerosa. Isso quer dizer também que jogos remetem ao que, desde muito cedo, foi vivenciado pelos aprendizes fora da escola, através de cantigas,

brincadeiras, adivinhações, músicas etc. Segundo Silva e Morais (2011, p. 16), os jogos permitem às crianças tratarem as palavras como objetos com os quais se podem brincar, além de ser uma forma menos ritualística de se aprender.

Além dos jogos, diversos são os recursos que auxiliam o professor em sua OTP, tais como: livros didáticos, livros de literatura, manuais, murais, lousa, Lego®³, *Internet*, *tablets*, celular, organização do tempo, mobiliário da sala, material didático etc. Ferreira (2012, p. 14) esclarece que “cada docente pode, e deve, fazer adaptações e fabricações nos espaços, tempo e recursos desde que venham na direção de favorecer as aprendizagens dos educandos”. A OTP pode ser uma ferramenta em que o professor faz uso de sua autonomia em sala de aula para trabalhar de diferentes maneiras, respeitando os diferentes níveis de apropriação do Sistema de Escrita Alfabética que seus alunos se encontram, almejando a evolução destes na leitura e na escrita.

Realizamos esse trabalho objetivando analisar as práticas docentes no cotidiano escolar com relação à OTP e identificar os principais recursos didáticos utilizados por professoras em salas de aula do ciclo alfabetizador na rede municipal do Recife, que buscam facilitar o processo de aprendizado de leitura e escrita dos alunos.

2 METODOLOGIA

A abordagem metodológica que orientou a pesquisa, em função da própria natureza do objeto e da escolha teórica, é de natureza qualitativa, que, segundo Bogdan (1994), usa a observação participante e a entrevista em profundidade como estratégias mais representativas da investigação.

Realizamos observações de aulas e entrevistas semiestruturadas com as docentes das turmas. As

atividades de observações iniciaram em setembro de 2016 e se estenderam até novembro de 2017, totalizando trinta observações em sala, distribuídas em três turmas do primeiro ano do ciclo alfabetizador. Através de um diário de campo, fizemos as anotações das observações e das entrevistas realizadas com as professoras que foram realizadas ao final dos períodos de observações. Todas as informações foram registradas, visando desenvolver uma análise das referências com base nos textos que fundamentam a pesquisa.

A pesquisa de campo foi desenvolvida em três escolas da rede municipal de Recife, no turno da tarde, das 13h30min às 17h30min, e as turmas tinham uma média de 24 alunos matriculados, com idade entre 06 e 10 anos. Duas das escolas estão localizadas no bairro da Várzea e a terceira no bairro Engenho do Meio.

A docente 1 possui formação em Pedagogia pela UEPE e lecionava pelo município há 13 anos. A docente 2 possui Magistério e trabalhava na profissão há 28 anos. A docente 3 possui graduação em Pedagogia e mestrado em Educação e lecionava há 23 anos.

Diante disso, a pesquisa foi organizada com base nas seguintes etapas: 1) Estudos da Fundamentação Teórica e Análise documental; 2) Observações e Entrevista⁴; 3) Análise dos dados a partir das referências.

3 RESULTADOS

Para entendermos as práticas das professoras observadas, é necessário ter conhecimento sobre os recursos que foram disponibilizados a elas pela rede de ensino e que, portanto, poderão fazer parte da sua OTP, se assim desejarem. Considerando nosso campo de pesquisa, os recursos que estavam presentes nas escolas, que se relacionavam com nosso objeto de estudo, eram: livro didático de português, livros de literatura, jogos alfabetizadores, *tablets*, Lego, lousa e os cadernos dos alunos.

Morais (2015, p. 39) afirma que “livros didáticos expressam concepções sobre o ensino, a

³ De acordo com o site oficial, O nome ‘LEGO’ é uma abreviação de duas palavras dinamarquesas *leg godt*, que significa “jogar bem”. O LEGO Group foi fundado em 1932 por Ole Kirk Kristiansen. A peça em sua forma atual foi lançada em 1958. O princípio de intertravamento com os seus tubos torna a peça única, e oferece possibilidades ilimitadas de construção. Em 2014, a prefeitura do Recife fez parceria com a LEGO ZOOM, representante exclusiva no país da LEGO Education, investindo 30 milhões de reais em programas de robótica nas 302 escolas municipais, segundo site da prefeitura do Recife.

⁴ Vale ressaltar que os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e não houve risco para os participantes.

aprendizagem e os objetos de conhecimento tratados no currículo escolar”. Portanto, podem ser um valioso instrumento de auxílio ao professor no processo de alfabetização.

O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), criado em 1985, tem em um dos objetivos subsidiar o trabalho pedagógico dos professores por meio da distribuição de coleções de livros didáticos aos alunos da educação básica. Isso quer dizer que todas as escolas públicas do Brasil recebem livros didáticos em número suficiente para seus alunos matriculados. Além disso, os livros são previamente escolhidos, dentro de uma vasta lista, por professores e gestores, e a escola recebe a coleção eleita⁵ previamente.

Esse recurso conta com um manual, direcionado ao professor, no qual constam informações sobre os propósitos de textos e exercícios propostos, bem como; sugestões de mudanças e extrapolações de atividades que o professor, através de sua autonomia em sala de aula, pode promover com seus alunos a partir dos diferentes níveis de hipótese alfabética em que se encontram. Ademais, ratificamos que:

É importante destacar que o uso que hoje os professores fazem do livro didático, e de outros materiais é, de certo modo, influenciado por programas de formação de professores (Pró-Letramento e PNAIC, por exemplo) e por outros programas complementares de distribuição de livros, que visam transformar os nossos alunos em sujeitos leitores, ampliando suas experiências de letramento (ALBUQUERQUE; FERREIRA, 2019, p. 265).

Em se tratando de jogos alfabetizadores, o Centro de Estudos em Educação e Linguagem (CEEL), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em parceria com o Ministério da Educação (MEC), “com o objetivo de socializar recursos didáticos que possam auxiliar o professor a melhor desenvolver sua prática pedagógica e contribuir para a aprendizagem do

⁵ Quando a escola não faz a escolha, ela recebe exemplares dos livros mais pedidos em sua região.

sistema alfabético de escrita pelas crianças” (BRASIL, 2009, p. 1), desenvolveu uma caixa com dez jogos que foram distribuídos para toda a rede pública nacional de educação básica, sendo um recurso disponível aos professores dessas instituições. Segundo o manual didático desses jogos:

Nos momentos de jogo, as crianças mobilizam saberes acerca da lógica de funcionamento da escrita, consolidando aprendizagens já realizadas ou se apropriando de novos conhecimentos nessa área. Brincando, elas podem compreender os princípios de funcionamento do sistema alfabético e podem socializar seus saberes com os colegas (CEEL, 2009, p. 14).

O Lego foi amplamente distribuído pela prefeitura do Recife, desde 2014, nas escolas da rede municipal. São vários modelos que contemplam desde os anos iniciais até o Ensino Médio. O trabalho com este recurso permite:

[...] que os alunos não só absorvam os aspectos tecnológicos da formação, mas também incorporem diversas habilidades e capacidades, como aprender a fazer, a ser, a conviver e a pensar, que desenvolverão neles, em última análise, as competências envolvidas no aprender a agir. O desenvolvimento das competências, capacidade e habilidades será conduzido por meio de um processo de mediação, utilizando como recurso pedagógico a educação tecnológica. Para compreendê-lo melhor, é importante salientar que o modelo é fundamentado nos quatro pilares da educação e é por meio de projetos que se exercita o aprender a fazer (FEITOSA, 2013, p. 22).

Em algumas escolas da rede, professores também podem contar com cerca de 22 *tablets* disponíveis por instituição. Nos aparelhos são instalados aplicativos educativos, por funcionários da Secretaria

de Educação, possibilitando ao professor um amplo acervo para ser trabalhado em sala, segundo o conteúdo que ele desejará explorar. Ademais, os docentes possuem um moderm particular com *Internet* móvel⁶. Além do que já foi explanado, recursos como lousa, mesas, cadeiras, cadernos e lápis estão presentes, durante todos os anos, em salas de aula. Segundo Bastos (2005):

É no final do século XIX que o uso do quadro–negro se instala nas escolas e que começa a ocupar um espaço central na sala de aula, período em que paulatinamente consolidam–se os sistemas públicos de instrução elementar e, paralelamente, crescem as exigências de um mínimo de mobiliário e material escolar (BASTOS, 2005, p. 136).

Após identificar os recursos que possivelmente estavam disponíveis às docentes, partimos para as observações e percebemos que as mesmas utilizaram os recursos como explanados no Quadro 1.

⁶ Segundo *site* da Prefeitura do Recife, 4.800 educadores receberam esse recurso, em janeiro de 2014.

Quadro 1. xxx

	Livro didático de português	Livros literatura	Jogos alfabetizadores	Tablet	Lego®	Lousa e caderno
D O C E N T E 1	Utilizava com frequência, tanto com leitura coletiva dos textos e como atividades do livro para os alunos fazerem em sala. Posteriormente, fazia a correção destas. Também escolhia atividades do livro para os alunos realizarem em casa, mas não fazia reflexões e explicações sobre as mesmas.	Não utilizou	Não utilizou	Não utilizou	Não utilizou	Faziam parte da sua rotina. De forma habitual, eram propostas atividades aos alunos que deveriam copiá–las e depois respondê–las.
D O C E N T E 2	Utilizou algumas vezes, escolhendo textos que abriam unidades, realizando em classe de forma coletiva as atividades propostas para esses textos. Alguns exercícios eram passados como tarefas de casa, porém não havia reflexão prévia destes, bem como não tinha correção na aula seguinte	Faziam parte de sua OTP de rotina. Todos os dias, escolhia um livro e realizava a leitura deleite para os alunos	Fez uso do alfabeto móvel de forma esporádica, propondo que grupos de alunos formassem palavras. Também usou o 'Bingo dos nomes', incluso no livro de Português	Não utilizou	Não utilizou	Utilizados com frequência para atividades que deveriam ser copia–das e respondi–das pelos alunos, assim como para ditados.
D O C E N T E 2	Não utilizou	Fez parte de sua rotina. Ela escolhia uma história e realizava a leitura deleite no início das aulas	Utilizou com frequência os jogos, principalmente os do CEEL. No momento do brincar, ela dividia a turma em grupos de acordo com o nível de hipótese alfabética das crianças	Utilizava uma vez por semana e recorria aos jogos instala–dos pela prefeitura do Recife	Com os alunos em grupos, utilizava uma vez por semana. Eles monta–vam seguindo as instru–ções da apostila	Recorria sempre para anotar resultados dos jogos, instruções de monta–gem, pro–por e corrigir ati–vidades que deve–riam ser copiadas e respondi–das.

4 DISCUSSÃO

Nas aulas observadas na primeira escola, percebemos que frequentemente a docente utilizava o quadro para realizar atividades em que os alunos deveriam copiar o que estava escrito e responder às questões em sala ou em casa. A professora recorria esporadicamente ao livro de Português, através da leitura de textos e de atividades propostas após os mesmos. Em entrevista, a docente revelou não ter lido por completo o manual do professor presente no livro, desta forma a mesma não tinha completa noção das atividades sugeridas no material as quais ela poderia explorar com sua turma.

A escola possuía um amplo acervo de livros de literatura, porém, a professora não recorria a eles em nenhum momento. Os jogos eram utilizados nas sextas-feiras, quando era destinado aos alunos um tempo livre, e faziam parte de um acervo pessoal construído pela própria docente, posto que ela afirmava que a escola não dispunha de outros. Eles consistiam em atividades de montar, quebra-cabeças, bonecos e blocos. Como não possuíam instruções por escrito, eles não auxiliavam na alfabetização e no letramento dos discentes.

Ao ser entrevistada, a docente afirmou não realizar outros tipos de atividades com os alunos por não ter espaço físico suficiente, bem como recursos disponíveis para tal. Segundo ela, dos 21 alunos da turma, 9 eram alfabéticos, 6 silábico-alfabéticos e 6 pré-silábicos. Porém, percebemos nas observações que os alunos tinham muita dificuldade em realizar as atividades propostas, tendo autonomia na escrita apenas quando copiavam as atividades do quadro. Exceto por duas alunas, observamos também que eles não conseguiam ler os textos por conta própria.

Na segunda escola, percebemos que a professora utilizava uma ampla variedade de recursos: televisão, DVD, jogos, textos cartilhados⁷ fotocopiados, cartazes, alfabeto móvel, livros de literatura, livros

⁷ Entendemos por textos cartilhados aqueles que o foco são repetições de família silábicas, objetivando o aprendizado através da memorização das mesmas, sem necessariamente apresentar um sentido durante a leitura.

didáticos, cadernos, lousa etc. Destes, os recursos que foram utilizados em todas as aulas foram caderno e lousa, para atividades de cópia, correção de exercícios e realização de ditados. Além deles, os livros de literatura estiveram presentes na maioria das aulas, seja através de leituras deleite realizadas pela professora no início de cada aula ou quando a docente permitia aos alunos um tempo para a leitura, onde eles poderiam escolher na estante o livro que quisessem e levar para suas mesas para realizar uma leitura individual. Quando recorria ao livro didático, ela escolhia páginas de exercícios e realizava coletivamente com a turma. Ademais, também designava exercícios do livro para tarefa de casa, sem reflexão prévia com os alunos sobre as questões que seriam respondidas, tampouco o retorno de suas produções.

Em entrevista, a professora afirmou ter escolhido o livro didático que estava presente na escola, porém ela alegou não ter lido todo o manual do professor (desconhecendo, assim, as possibilidades que o manual trazia de adaptação das atividades aos diferentes níveis de hipótese alfabética) e alegou que o livro trazia conteúdos, especialmente os textos, que estavam acima do nível de seus alunos, assim como apresentava diferentes realidades e regionalismos. Sobre a variedade do uso dos recursos didáticos, ela afirmou que considera extremamente importante e dá destaque aos livros de literatura que, segundo ela, despertam muito interesse nos alunos. Ela não especificou o nível em que se encontravam seus alunos na hipótese alfabética, mas afirmou que tinha consciência que muitos ainda estavam nas fases pré-silábica e silábica, segundo ela, consequência da defasagem do ensino (ou da falta dele, para alguns) nos anos anteriores. De fato, percebemos nas observações que muitos alunos não conseguiam ler textos e frases, porém todos eram sempre estimulados para a atividade, inclusive leitura individual.

Na terceira instituição, percebemos que a professora procurou utilizar todos os recursos que estavam disponíveis na escola: lousa, cadernos, Lego, livros de literatura, livros didáticos, jogos físicos, *tablets*, *datashow*, *Internet*, instruções de montagem,

atividades fotocopiadas etc. Os recursos mais utilizados foram lousa e caderno. Os livros de literatura também estiveram presentes em quase todas as aulas, através de leituras deleite realizadas pela professora no início das aulas. Ademais, quando os alunos encerravam mais cedo suas atividades, a professora oferecia um livro, escolhido por ela própria, para que eles realizassem leitura individual em suas mesas.

Os jogos estiveram presentes em muitas aulas, tanto os físicos como os eletrônicos. Em sua maioria, eram atividades que trabalhavam a relação grafema–fonema. De um modo geral, os alunos mostravam altíssimo interesse quando eram avisados que iriam utilizar os jogos ou o *tablet*. A empolgação também era alta na realização das leituras deleite feitas pela professora que usava várias estratégias de leitura, prendendo assim a atenção dos alunos. Antagonicamente, eles ficavam dispersos e não demonstravam interesse em atividades de cópia e ditados.

Em entrevista, a docente revelou que sua formação acadêmica lhe deu consciência da necessidade de diversificar as atividades na sua OTP para que seus alunos pudessem avançar nas hipóteses de leitura e escrita, até tornarem–se alfabéticos. A mestre revelou, com chateação, que dos 26 alunos matriculados em sua turma 6 ainda se encontravam em fase pré–silábica e que talvez seria a primeira vez que um aluno dela iria encerrar o ano sem estar alfabético. Em nossas observações, era visível a participação de muitos alunos nas atividades que envolviam leitura e escrita. Alguns, quando não conseguiam ler, tinham autonomia para formar palavras, refletindo antes as sílabas oralmente e, posteriormente, as escrevendo no papel. Considerando que ainda tinham alunos que não sabiam ler, a docente tinha a preocupação em colocar os alunos pré–silábicos com os alfabéticos nas atividades em dupla.

5 CONCLUSÃO

Em nossas análises, percebemos que nas aulas em que os diferentes recursos didáticos eram explorados pelas professoras nas suas práticas pedagógicas, o interesse, a concentração, as inferências e associações dos alunos eram muito maiores quando o trabalho era voltado ao uso de jogos. Ademais, também foi notória a percepção que, nas turmas em que os jogos físicos e eletrônicos eram utilizados, o número de alunos com avanços no conhecimento sobre a escrita era maior que na turma que a docente não fazia uso desses recursos.

Apesar da diversidade de recursos disponíveis na escola, pudemos constatar que lousa e cadernos foram os recursos mais utilizados nas três turmas observadas, fazendo parte da rotina diária das professoras. Por mais que os alunos demonstrassem maior interesse por outros recursos, especialmente jogos, a rotina era mantida com lousa e cadernos como protagonistas na OTP das três professoras.

Bastos (2005, p. 136) afirma que “a centralidade pedagógica do e no quadro negro resulta da ausência de manuais escolares e de outros recursos visuais para a aprendizagem”, portanto, inferimos que as práticas docentes observadas demonstram predileção na forma ritualística do ensino, posto que as mestras encontravam ampla variedade de recursos didáticos, mas preferiam o uso constante de lousa e cadernos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, E. B.; FERREIRA, A. T. B. Programa nacional de livro didático (PNLD): mudanças nos livros de alfabetização e os usos que os professores fazem desse recurso em sala de aula. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 113, abr./jun., 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362019000200250 Acesso em: 06 ago. 2020.

ARAÚJO, L. C. Jogos como recursos didáticos na

alfabetização: o que dizem e fazem as professoras. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 36, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982020000100707&lang=pt Acesso em: 06 ago. 2020.

BASTOS, M. H. C. Do quadro-negro à lousa digital: a história de um dispositivo escolar. **Cadernos de História da Educação**, n. 4, jan./dez. p. 133-141. 2005. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/391/372> Acesso em: 11 ago. 2020.

BOGDAN, R. B. S. Fundamentos da pesquisa qualitativa em educação: uma introdução. *In*: BOGDAN, R. B. S. **Investigação Qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Editora Porto, 1994, p. 13-17.

BRASIL. **Programa Nacional do Livro Didático**. 2016. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12391:pnld> Acesso em: 14 ago. 2020.

BRASIL. CEEL; MEC. **Jogos de Alfabetização**. Recife: Editora UFPE, 2009. Disponível em: http://www.plataformadoletramento.org.br/arquivo_upload/2014-02/20140210152238-mec_ufpe_manual_de_jogos_didaticos_revisado.pdf Acesso em: 14 ago. 2020.

FEITOSA, J. G. Suportes teóricos e introdução ao modelo pedagógico. *In*: FEITOSA, J. G. (org.). **Manual didático pedagógico**. [s.l.]: ZOOM Editora Educacional, 2013. Disponível em: <http://www.nwk.edu.br/intro/wp-content/uploads/2014/05/Manual-Did%C3%A1tico-Pedag%C3%B3gico-LEGO-EDUCATION.pdf> Acesso em: 15 out. 2020.

FERREIRA, A. T. B. **É importante discutir sobre a organização do trabalho pedagógico na formação do professor alfabetizador nos tempos do PNAIC? O que dizem os professores**. *In*: FERREIRA, A. T. B.; ROSA, E. C. S. (org.). **O fazer cotidiano na sala de aula**: A organização do trabalho pedagógico no ensino da língua materna. Recife: Autêntica, 2012.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

LIMA, D. S.; SOUSA, D. D. C. Alfabetizar brincando não é brincadeira. **Revista Práticas de Linguagem**, v. 7, n. 3, p. 467-478, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/praticasdelinguagem/article/view/28469> Acesso em: 05 ago. 2020.

MORAIS, A. G. O que os novos livros didáticos de alfabetização propõem para que os aprendizes se apropriem do sistema de escrita alfabética? *In*: BUNZEN, C. (org.). **Livro didático de Português**: políticas, produção e ensino. São Carlos: Pedro e João Editores, v. 1, 2015, p. 39-63.

RECIFE lança programa de robótica escolar pioneiro no Brasil. **Prefeitura do Recife**, 2014. Disponível em: <http://www2.recife.pe.gov.br/noticias/06/02/2014/recife-lanca-programa-de-robotica-escolar-pioneiro-no-brasil-0> Acesso em: 15 ago. 2020.

SILVA, A.; MORAIS, A. G. Brincando e aprendendo: os jogos com palavras no processo de alfabetização. *In*: LEAL, T. F.; SILVA, A. (org.). **Recursos didáticos e ensino de língua portuguesa**: computadores, livros... e muito mais. Curitiba: CRV, 2011.

SOARES, M. Letramento e Alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, jan./fev./mar./abr. 2004. p. 5-17. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf> Acesso em: 15 ago. 2020.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

Recebido em: 15/08/2020

Aceito em: 10/11/2020